



História Oral para a produção de narrativas sobre uma proposta educacional pública paulista nos anos de 1960

Oral History for the production of narratives about a São Paulo public educational proposal in the 1960s

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura ¹

RESUMO

Este artigo traz uma síntese de duas comunicações realizadas nos Encontros Nacionais de História Oral realizados em Porto Alegre em 2016 e, Campinas em 2018. Nas duas ocasiões apresentamos aspectos de uma pesquisa cujo objetivo central foi investigar a proposta educacional dos Ginásios Vocacionais com um olhar voltado para o ensino de matemática. O Vocacional foi um projeto alternativo que introduziu mudanças no cenário educacional paulista, apesar da curta duração; foram criados em 1961 e fechados abruptamente em 1969, no regime militar. Este artigo traz, primeiramente, uma visão panorâmica desta experiência, seus aspectos pedagógicos, seu processo de idealização, implantação e extinção. Em seguida, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa, a História Oral e seus procedimentos, com ênfase no processo analítico e suas particularidades, atrelados aos pressupostos teóricos subjacentes à pesquisa, que, possibilitaram produzir um estudo narrativo sobre os Ginásios Vocacionais num movimento entre singularidades e convergências.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Vocacional. História Oral. Narrativas.

ABSTRACT

This article presents a synthesis of two communications performed at the National Oral History Meetings occurred in Porto Alegre in 2016 and Campinas, in 2018. In both occasions we presented aspects of a research whose the main goal was to investigate the educational proposal of the Vocational Gymnasiums aiming at the teaching of mathematics. Vocational was an alternative project that introduced changes in the educational conjuncture of São Paulo State despite its short duration; created in 1961 and abruptly extinguished in 1969, in the Dictatorial Government. This article brings, at first, a panoramic view of this educational experience, its pedagogical aspects, idealization process, implantation and extinction. Posteriorly, we debate the theoretical-methodological assumptions of the research, the Oral History and its procedures: the script's composition, interviews and textualizations, with emphasis on the analytical process and its particularities, attached to the

¹ UNESP de Rio Claro – SP; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga – FAIBI-SP.
elizfurquin@gmail.com

research's underlying theoretical presuppositions that supported a narrative study on the Vocational Gymnasiums in a motion between singularities and convergences.

KEYWORDS: Vocational Educacion. Oral History. Narratives.

Introdução

Esse artigo traz uma discussão de um movimento de pesquisa em Educação Matemática e História Oral (NAKAMURA, 2017) apresentado nos dois últimos encontros nacionais de história oral, XIII e XIV ENHO, realizados respectivamente, em 2016, na cidade de Porto Alegre/RS, (NAKAMURA, 2016) e em 2018, em Campinas/SP (NAKAMURA, 2018).

Nas duas ocasiões e neste texto buscamos discutir e ampliar nossas considerações acerca da História Oral enquanto metodologia de uma pesquisa, que teve como objetivo central, realizar um estudo sobre uma experiência educacional pública do estado de São Paulo da década de 1960: os Ginásios Vocacionais, com um olhar voltado para o ensino de matemática nesses espaços.

Vale destacar que, na primeira comunicação, apresentamos um panorama geral da pesquisa e seus objetivos, bem como parte dos depoimentos já transcritos. Na segunda, apresentamos e propomos uma discussão acerca dos caminhos percorridos na produção escrita dos textos analíticos, ou seja, compartilhamos o processo de tessitura da tese em suas particularidades, juntamente aos pressupostos teóricos subjacentes que sustentam e amparam nossos posicionamentos, posturas e conceitos de história, memória, fontes, narrativas, principalmente, acerca da história dos Ginásios Vocacionais. Neste texto buscamos uma integração e síntese desses dois momentos da pesquisa, com ênfase nos aspectos metodológicos.

Ginásios Vocacionais: panorama histórico da implantação à extinção

Na década de 1960, no Brasil e no mundo, a sociedade vivia uma efervescência que emergia de – e se manifestava em – novas experiências, representando o início das realizações de projetos socioculturais e ideológicos, muitos deles concebidos nos anos 1950. A cultura, a arte, a música, o cinema, a política, as ciências, a tecnologia, a educação sofriam transformações. A crença no desenvolvimento e no progresso se fazia presente.

No âmbito educacional, a década de 1950 caracterizou-se por intensos debates na área, visto que a modernização do país era uma exigência para o processo de industrialização. Como consequência, a década de 1960 implantaria muitos dos projetos idealizados na década anterior. Um desses projetos idealizadores de uma transformação, desejoso de mudanças, foi o do Ensino Vocacional, uma experiência educacional pública do estado de São Paulo.

Da inspiração à implantação dos Ginásios: contexto histórico, político e social

Em 1958, Carlos Alberto de Carvalho Pinto assume o governo do estado de São Paulo e Luciano de Carvalho é nomeado Secretário da Educação. O então Secretário viaja pela Europa e retorna com novas ideias e encontra em Socorro/SP uma proposta diferenciada para a Educação conhecida como Classes Experimentais. Estas foram criadas em 1959 pelo Departamento do Ensino Secundário (DES) do Ministério da Educação com o intuito de inserir disciplinas práticas no ensino secundário. Baseavam-se no modelo francês das *Escolas de Sevrès* e apresentavam como objetivo o ensaio de novos currículos, métodos e processos de ensino. (NUNES, 1980).

Naqueles anos mágicos, a produção cultural, artística e filosófica era intensa e rica e a juventude da época almejava a construção de um novo mundo, justo e solidário. Várias correntes de pensamento e teóricos estavam permanentemente na pauta das discussões que fervilhavam nos meios artísticos, acadêmicos e estudantis, mobilizando os que visavam encontrar caminhos que conduzissem a construção de um mundo livre de iniquidades e de uma educação emancipadora. Inserido no espírito da época, partilhando do ideal iluminista que objetivava transformar o mundo por meio da educação e da cultura assim como os vários movimentos políticos, culturais educacionais dos anos 1960 – surge o Ensino Vocacional fortemente comprometido com um projeto elaborado, complexo, articulado, voltado para a educação do homem brasileiro, concreto, situado, com uma dimensão política explícita que enfatizava o engajamento e a transformação social. (TAMBERLINE, 2005, p. 30)

Luciano de Carvalho, ao visitar a escola e o trabalho desenvolvido nas Classes Experimentais de Socorro/SP conhece as professoras Lygia Furquim, Olga Bechara e Maria Nilde Mascellani, na ocasião coordenadora pedagógica da equipe de professores.

O Secretário, desde então, passa a trabalhar pela expansão desta experiência. Organiza em 1961, uma comissão de educadores e especialistas do Ensino Secundário e do Ensino Industrial para apresentar um projeto de estudo que pudesse, ao ser concretizado, acompanhar o ritmo das descobertas científicas e do desenvolvimento econômico e social que ocorriam no

Brasil, uma escola que atendesse aos apelos de uma sociedade que buscava o fortalecimento da democracia e desejava avançar rumo às transformações sociais.

Numa jogada política, Luciano de Carvalho aproveita o processo de tramitação da Lei 6052/61, conhecida como Lei Industrial que reestrutura o Ensino Industrial e o de Economia Doméstica, e insere quatro artigos neste projeto, criando, legalmente, os Ginásios Vocacionais, implantados e coordenados pelo Serviço de Ensino Vocacional. (CHIOZZINI, 2014, p. 21)

O Serviço do Ensino Vocacional (SEV) foi criado pelo Decreto estadual nº 38.643, de 27 de junho de 1961, art. 302, como órgão especializado, diretamente subordinado ao gabinete do Secretário Estadual da Educação, para coordenar as unidades de Ginásios Vocacionais, conforme estabelecia o art. 25 da Lei estadual nº 6.052, de 03 de fevereiro de 1961.

A Prof^a Maria Nilde Mascellani é designada Coordenadora do Serviço do Ensino Vocacional e o projeto é implantado em seis unidades escolares: na Capital, Ginásio Estadual Vocacional (GEV) "Oswaldo Aranha" (1962); Americana, GEV "Papa João XXIII" (1962); Batatais, GEV "Cândido Portinari" (1962); Rio Claro, GEV "Chanceler Raul Fernandes" (1963); Barretos, GEV "Embaixador Macedo Soares" (1963); e o GEV de São Caetano do Sul (1968).

Os Ginásios Vocacionais foram estabelecimentos de ensino público, em período integral, destinados a alunos do 6º. ao 9º. ano do Ensino Fundamental, segundo as atuais diretrizes educacionais. Direcionado a jovens de ambos os sexos, com idade entre 11 e 13 anos no ingresso, admitidos perante aprovação nos Exames de Admissão vigentes em todas as escolas estaduais na época. Entre 1967 e 68, nas unidades da Capital, de Americana, de Rio Claro e de Barretos, foram instalados Cursos Ginásiais Noturnos, destinados a jovens e adultos que trabalhavam durante o dia, e também o primeiro Curso Colegial Vocacional, junto ao Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha. Em 1969, foram instalados, também em São Paulo, os Cursos Complementares, em período noturno.

Para a implantação das escolas, as cidades do interior do estado de São Paulo foram analisadas, estudadas e, só então, selecionadas. O contexto histórico, econômico, social seria o referencial específico, em cada unidade, para a estruturação do currículo e dos conteúdos propostos. São Paulo – área metropolitana; Americana – industrial interiorana; Rio Claro caracteriza-se pelas ferrovias; Barretos e Batatais – setor agropecuário.

As escolas possuíam grande autonomia, respondiam diretamente ao Secretário da Educação, portanto, não passavam por toda a estrutura burocrática da Secretaria da Educação, à época.

A proposta do Ensino Vocacional identificava-se com os princípios do ensino renovado, um ensino de cunho transformador que objetivava formar o educando integralmente, desenvolvendo aptidões tanto teóricas quanto práticas, com inspiração humanista, adotando a democracia como prática pedagógica. Um dos principais objetivos desta proposta era formar jovens conhecedores da realidade em que viviam para assumirem o papel de transformadores de sua própria ação (ROVAI, 2005, p. 17). Sendo tocado e moldado pelos conflitos resultantes da conjuntura política da época, marcada pela pressão por mudanças na educação e pela efervescência dos movimentos sociais cria-se uma “infra-estrutura institucional que permitiu o desenvolvimento de uma experiência educacional efetivamente vanguardista com resultados quase inquestionáveis por todos aqueles que dela participaram” (CHIOZZINI, 2014, p. 94).

Aspectos pedagógicos e administrativos dos Ginásios Vocacionais

A inovação dos Ginásios Vocacionais começava pela proposta curricular. Os alunos tinham, além das matérias convencionais, disciplinas que, para a época, eram novidade. Dentre elas destacavam-se as disciplinas como Artes Industriais, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Educação Doméstica, Educação Musical, Educação Física e Artes Plásticas; com diferenciações em suas unidades, proporcionando ao aluno um conteúdo curricular teórico associado ao conteúdo das disciplinas práticas como também ao contexto no qual se situava a escola.

A remuneração salarial dos professores permitia, aos professores, trabalhar em uma única unidade escolar; com dedicação de 40 horas em regime integral; deste total, 20 horas eram exclusivas para as atividades de planejamento, reuniões e trabalhos em equipe.

Tinham um número de 30 alunos por sala de aula. Os seis ginásios, durante os oito anos de existência, deixaram um histórico de baixos índices de reprovação, de faltas e de evasão escolar. O processo seletivo dos alunos no ensino secundário dava-se, obrigatoriamente, em todas as escolas públicas por meio do Exame de Admissão, no entanto, o Ensino Vocacional promoveu inovações, como o uso de entrevista, que permitiam o ingresso de alunos e alunas de

diferentes classes sociais e econômicas da comunidade na qual o ginásio estava inserido, atendendo a uma de suas prerrogativas de ser uma amostra representativa da realidade circundante (ROVAI, 2005, p. 16).

Realizavam pesquisas na comunidade e um planejamento minucioso no início de cada ano letivo, já que, a proposta curricular era organizada mediante a realidade dos alunos que frequentariam aquele espaço e adequada às características particulares dos diferentes contextos sociais e culturais.

Os educadores que atuavam nos Ginásios passavam por um período de seis meses de preparação antes de serem admitidos, acreditavam na importância de uma sensibilização à proposta. Após contratados eram constantemente avaliados. O Ensino Vocacional possuía um aparato gestor que acompanhava todas as ações do trabalho pedagógico nos diferentes níveis e unidades por meio do Serviço de Ensino Vocacional (SEV) e do Conselho Pedagógico. Realizavam reuniões constantes para a avaliação e reflexão da prática e da escola como um todo e em cada unidade particular.

Os Ginásios contavam com um apoio técnico e pedagógico tanto para os alunos quanto para os professores, cada escola tinha um orientador pedagógico, um orientador educacional e, ainda, um coordenador da área que denominavam Recursos Audiovisuais, responsável pelo apoio técnico, e pedagógico, às aulas dos professores.

Outra particularidade se observa no formato e concepção de avaliação do processo de ensino e aprendizagem do aluno: por meio de um aparato relativamente complexo de registros avaliavam o aluno de forma contínua e integral tanto no que se refere aos aspectos teóricos como práticos, além de aspectos pessoais. Os dados de avaliação e observações eram registrados no que denominavam Fichas de Observação do Aluno (FOA), que eram analisadas continuamente pelo grupo de professores, orientadores pedagógicos e orientadores educacionais. Cada turma possuía um orientador educacional que acompanhava os alunos, desde a 1^a., até a 4^a. série.

A área de Estudos Sociais desempenhava um papel relevante na pesquisa, planejamento e desenvolvimento da ação educativa. Uma das principais técnicas pedagógicas utilizadas era o “Estudo do Meio” que permitia aos aprendizes um contato direto com a realidade social e humana, sobretudo da comunidade. Os Estudos do Meio eram gradativamente ampliados espacialmente – iniciavam na primeira série pelas visitas/estudos à comunidade e cidade; na

segunda série, as viagens abrangiam o estado; na terceira série, o país; e na quarta, o mundo – estabelecendo relações entre essas instâncias.

A disciplina de Estudos Sociais integrava a disciplina de História e Geografia, e era ministrada por dois professores das áreas respectivas. Estudos Sociais ocupava uma posição central e de relevância na estrutura curricular do Ensino Vocacional, sendo incumbido de estabelecer um sistema de relações com e entre as demais disciplinas dispostas no currículo. Desta forma, praticavam o conceito de currículo integrado ao conceber a aprendizagem como um processo global que abrangia o desenvolvimento intelectual, de atitudes e habilidades.

As pesquisas de comunidade precedentes ao planejamento curricular eram comumente realizadas com o objetivo de obter um panorama dos problemas e fenômenos da comunidade já que pensavam um currículo como um conjunto de experiências proporcionadas e vividas pela escola, não limitado aos conteúdos disciplinares. Privilegiando a noção de uma sequência evolutiva dos problemas abordados pelo currículo que deveriam acompanhar o dinamismo da realidade social.

Em várias unidades aparece a proposta de um Governo Estudantil, entidade que procurava uma representação da estrutura do governo democrático no interior da unidade escolar. A isto se somavam projetos de Ação Comunitária, no qual os alunos desenvolviam, por exemplo, cursos de alfabetização de adultos destinados a população de baixa renda.

Ademais instituíram a Associação de Pais e Amigos dos Ginásios Vocacionais – entidade civil com personalidade jurídica própria, com estatuto registrado em cartório. Seus associados pagavam mensalidade, organizavam campanhas, estabeleciam contatos com a comunidade, angariavam fundos e buscavam promover a convivência entre pessoas de classes sociais e níveis culturais distintos. Os pais tinham participação no planejamento curricular e no orçamento da escola, e alguns dedicavam um dia do mês ao ensino do conhecimento que possuíam ao Vocacional.

No entanto, esse conjunto e variedade de ações, num contexto ditatorial foi, muitas vezes, mal interpretado, significando, por exemplo, um repúdio ao autoritarismo e a ordem. Preocupados com a visão geral do Brasil que os alunos adquiriam, somando-se a preocupação com o envolvimento e engajamento da comunidade/escola advindas das ações propostas e atividades diferenciadas vivenciadas por estes atores, toda esta estrutura acabava,

consequentemente, por incomodar fortemente o regime militar, que vai acabar taxando uma experiência, ousada e inovadora, como subversiva. (TAMBERLINE, 2005, p. 40)

A chegada do regime militar em 1964 vai, aos poucos, alterando alguns cenários no país. No caso dos Ginásios Vocacionais, a partir de 1968, surgem pressões internas e externas, no sentido de se extinguir o Ensino Vocacional da rede pública, uma vez que os Ginásios eram vistos como uma ameaça ao regime vigente. A ditadura militar, com receio de sua repercussão, dos propósitos da escola e de sua expansão, em 12 de dezembro de 1969, realiza uma abrupta e forte intervenção militar em todas as unidades do Vocacional com queima de arquivos, materiais e fichamento de professores e coordenadores, inclusive de Maria Nilde Mascellani que foi, mais tarde, presa e torturada. As escolas continuariam funcionando, a partir daí, no sistema regular de ensino, mas o Sistema Vocacional estaria extinto.

História Oral enquanto escolha metodológica para uma pesquisa

A História Oral é um método de pesquisa multifacetado que tem como elemento essencial as memórias de atores sociais que, muitas vezes, são negligenciados pelas abordagens oficiais; ressalta a importância da memória, da oralidade, da vida das pessoas julgadas essenciais para compreender um fenômeno que se deseja focar. No entanto, como outras modalidades de pesquisa qualitativa, esta nos possibilitou criar um “outro texto na procissão de textos possíveis, sem a pretensão de uma significação singular.” (GARNICA, 2010, p. 46).

A História Oral em Educação Matemática que temos praticado e estudado e que foi mobilizada nessa pesquisa trata-se de uma metodologia que se constitui com a própria prática de pesquisar, num processo que tem se dado nas mais variadas atividades acadêmicas e pesquisas desenvolvidas no Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem) em sua opção por construir uma metodologia em trajetória.

O Grupo, ao mobilizar a História Oral para fins historiográficos, tem cuidado das cercanias culturais dos objetos dos quais trata, buscando olhá-los sob vários prismas. Não existe preconceito (ou tentamos não ter preconceito) quanto a fontes, teorias e procedimentos: tudo é bom se permitir compreensão, se for plausível e se sua mobilização se der a partir de uma crítica bem fundamentada. Somos pesquisadores imersos num contexto específico entrecortado por espaço e tempo. Lançamos nosso olhar ao passado, para uma época e lugar em que não

estivemos, mas que construímos a todo o momento. Interrogamos os vestígios, as memórias, os rastros, os silêncios de experiências e como elas foram possíveis, quais mecanismos permitiram sua permanência, o que motivou ou forçou alterações num determinado cenário. Não fazemos história de sujeitos e objetos já dados, pré-existentes: como pesquisadores nós os produzimos, os fazemos existir. Os objetos e os sujeitos não estão meramente disponíveis no mundo, cabendo ao pesquisador se aproximar deles tanto quanto possível. Como pesquisadora, os produzo à medida que os interrogo, em que me lanço, e minhas criações são fundamentalmente históricas. Ao historiografar produzimos narrativas que podem nos permitir pensar um futuro diferente. Queremos mostrar a partir deste passado, que inventamos o quão diferentes já fomos e o quão diferentes podemos ser. (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 139)

Ao focar os Ginásios Vocacionais, olhamos para um movimento, um tempo, uma prática em suas diversas formas de se manifestar, de se presentificar, nos variados modos com que ela foi apropriada pelos sujeitos e pela história. Não é mais o passado como algo dado, mas o passado construído, inventado no presente e grávido de inúmeros futuros.

É relevante assumir

que o passado se presentifica de vários modos, a partir de vários olhares; de apostar na perspectiva de que o passado é uma leitura (e uma leitura do presente, uma criação/invenção do presente), mas uma leitura e uma criação tornadas possíveis a partir de múltiplas perspectivas que devem vir à cena como que para esboçar um jogo entre perspectivas que têm duração, o que leva tempo. (GARNICA, 2011, p. 225)

Ao assumir os procedimentos da História Oral questionamos métodos que são uma mera enunciação de passos e regras a serem seguidos. Prezamos por uma metodologia em exercício, que expõe e se expõe a críticas, considerando que não há procedimentos técnicos prontos, fechados e definitivos: a metodologia se define e ganha contornos durante o caminhar. Ao caminhar, traça-se caminhos fluidos.

Segundo Martins-Salandim (2012, p. 51),

A metodologia de pesquisa é sempre um exercício, um fazer em trajetória e não uma mera e simples aplicação linearizada que nos permite passar por etapas em procedimentos mecanicamente implementados. Os referenciais que amparam a opção pelos procedimentos, que amparam o acesso inicial ao campo que a pesquisa pretende explorar e amparam as análises, não se apartam: completam-se e potencializam-se.

A História Oral, segundo a entendemos, implica abandonar os preconceitos relativos à procedência das fontes mobilizadas, sejam elas de natureza oral ou escrita. Deste modo, servimo-

nos durante a pesquisa de variadas fontes desde que, segundo nosso olhar, possibilitassem avançar no processo de criação do objeto investigado, em nosso caso, os Ginásios Vocacionais como também potencializassem novas compreensões, interpretações, criações.

Ao adentrar nestas searas não objetivamos “fazer a história de uma experiência”, a história da experiência educacional – os Ginásios Vocacionais–, e sim, almejamos buscar vestígios que nos “dissem” sobre como ela foi constituída, como ela foi possível, como chegou até nós, e a partir de quais interesses ela foi “documentada”. (ALBUQUERQUE Jr., 2007)

Buscamos não por uma fundamentação, uma explicação desta experiência, mas versões possíveis que ajudassem a desnaturalizá-la, desfamiliarizá-la, dispersá-la para com isso elaborarmos histórias que instigassem o imaginar futuros, realidades outras, fundamentalmente diferentes do nosso passado e, ainda, constituir e divulgar um modelo de educação alternativo e possível que, ao final, retrata também possibilidades que a pesquisadora vê para o campo da Educação Matemática e o da Educação.

Percebemos a experiência dos Ginásios Vocacionais não como uma experiência educacional esquecida e que necessita ser salva, reproduzida, refeita ou reaplicada. Entendemos a experiência como “uma fissura no silêncio, silêncio a que está condenada a maior parte dos seres humanos e de suas experiências neste mundo” (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 139). Perguntamos e procuramos formas de romper com alguns destes silêncios² e, por outro lado, questionávamos também as condições históricas que permitiram esta experiência não permanecer sepultada no passado.

Essa experiência, como tantas outras desconhecidas ou pouco conhecidas, esteve fadada a se perder no tempo não fosse o imperativo pungente – autoimposto por grupos e pessoas que se viam, de alguma forma, ligados ao Sistema Vocacional – de manter a brasa e acender a chama dessa história. Foi após a abertura política do país que espaços foram sendo conquistados, abertos, desbravados para o registro, organização e exposição dessas memórias. Esse movimento

² Queremos mostrar que apesar de muito já ter sido dito sobre o tema – Ginásios Vocacionais – outros silêncios e falas podem ser registrados. Mesmo que nossos depoentes já tenham tido espaço para contar suas histórias sobre os Vocacionais, não deixamos de acreditar e propor novas denúncias, novos modos de olhar e tratar o tema, novas histórias. Trata-se, muitas vezes, de um re-dizer criador.

vai acontecer principalmente ao final dos anos oitenta, quando surgem diversos trabalhos e pesquisas nesta direção³. Os personagens que experienciaram ou conheceram a experiência Vocacional apresentam uma motivação em expor, dizer dessa experiência através de diferentes meios, sejam eles, palestras, livros, teses, encontros de amigos, fundando assim centros de memória, como o GVive – Associação dos ex-alunos e amigos do Vocacional – que nos permitiu detectar fontes escritas e os primeiros colaboradores que, num processo de rede, nos levou a outros depoentes.

Não houve a pretensão de estabelecer verdades sobre a história dos Vocacionais, nem a verdade sobre o ensino e aprendizagem da Matemática, mas questionar o próprio conceito de verdade, muitas vezes cristalizado e aceito como se fosse unívoco. Nesta direção buscamos lançar novas escutas e olhares sobre conceitos familiares, muitas vezes cristalizados em discursos, palavras que são ditas e se mostram em experiências singularmente registradas. Assim, nesse processo, buscou-se duvidar, quem sabe, de conceitos estereotipados, cristalizados em nós mesmos, acerca de nós mesmos, que por vezes nos ofuscam ou nos intimidam, impedindo novas criações. Não atribuímos juízos de valor às fontes: acreditamos que elas são produzidas por nós, sempre. Houve, essencialmente, uma busca por aberturas, por novas lentes, olhares e ângulos que nos permitam instaurar, inventar, criar, fabricar⁴.

Não pretendíamos recuperar um episódio que se perdeu para o conhecimento histórico. Não tomamos a experiência como um “já dado”, como um ponto de partida, um referente do qual se parte para construir um discurso historiográfico que muitas vezes pode parecer superior ao conhecimento dos contemporâneos de então. Não almejamos superar o caráter fragmentário desta experiência, posto que ela só chega até nós por fragmentos. Não pretendíamos fixar uma visão unitária dos Ginásios Vocacionais, ou trazer o que nelas tenha “sido essencial” em sua época, ou o que parece ter sido essencial segundo nossos pontos de vista. Esta distância temporal que nos separa, nos fez pensar nossas diferenças numa relação fugidia: daí os cuidados entre o que se devia considerar ou deixar para trás.

³Na bibliografia da tese há diversas referências de materiais em distintos suportes – como *sites*, *blogs*, vídeos e textos escritos – sobre os Ginásios Vocacionais.

⁴Termo baseado em Bruner (2014).

Tratamos de experiências vividas, refletidas, analisadas, reconstruídas pelos sujeitos que fizeram parte dessa experiência. Produzimos narrativas só possíveis de serem tecidas a partir das narrativas de outros. Criar narrativas de um passado nos diz do passado, do presente e do futuro. As narrativas são vetores de criação que produzem realidades e instauram mundos.

Encontramos com sujeitos aos quais pudemos atribuir nomes, datas, lugares, funções, ocupações, atuações. Sabemos que essas características surgiram em longas conversas que bem podem expor alguns cenários apenas imaginados, em certo sentido injustos, enganadores, fantasiosos: ainda assim, são enunciações de homens e mulheres que viveram com seus sofrimentos, suas alegrias, frustrações, ciúmes, realizações ou vociferações. Registradas essas perspectivas, nos coube buscar plausibilidades para constituir, a partir desses registros, uma história. Vidas foram marcadas nestes textos. Isto não quer dizer que foram retratadas. Impossível reaver a experiência em si mesma (ALBUQUERQUE Jr., 2007).

Produzimos na tese, a partir e junto aos nossos depoentes e documentos, discursos no presente, acreditando ser possível potencializar pensares e criações de modelos alternativos de educação e, educação matemática. A História Oral talvez possibilite que essa profusão de vozes reverbere, registrando, sempre de modo inaugural, marcas de uma experiência educacional.

A tarefa da História Oral, nos nossos dias, é captar e registrar vozes que nos ajudem a falar, tenham essas vozes os timbres que tiverem. Nossos depoentes foram ex-professores, ex-diretores, ex-supervisores, ex-alunos e pesquisadores, em sua maioria atuantes na década de 1960.

Depoentes, roteiro, entrevistas, modos de narrar, transcrição e textualizações

A partir de leituras prévias e um conhecimento inicial sobre a história do Ensino Vocacional e os Ginásios Vocacionais, bem como do contexto educacional, histórico e social da época, elaboramos um roteiro de questões norteadoras para as entrevistas. Este roteiro primeiramente procurou nos dar um panorama do depoente como ser único, histórico, socialmente situado, seus gostos, preferências, aptidões, profissão, família e *hobbies*. Em seguida, elencamos questões numa sequência que propiciasse um movimento que partia de uma visão externa e estrutural dos Vocacionais, suas instalações físicas, a relação escola-comunidade para, aos poucos, adentrar as salas de aula, abordando aspectos da relação que conectava

professores, diretores, estratégias didáticas, matemática e avaliação. Essa foi a intenção inicial, proposta pelo roteiro enviado por e-mail aos depoentes após convite, aceite e esclarecimentos iniciais e éticos de uma pesquisa acadêmica nessa modalidade.

Entrevistamos 12 pessoas cujo vínculo com os Vocacionais deu-se em situações variadas. Foram eles: Eduardo Amos, aluno; Esméria Rovai, supervisora de Recursos Audiovisuais; Daniel Chiozzini, filho de professores do Vocacional e pesquisador do tema; Luiz Carlos Marques, aluno e presidente da GVive; Lucilia Bechara, supervisora da área de Matemática; Newton Balzan, supervisor da área de Estudos Sociais; Berenice Simoni Mendonza, professora de Matemática; Antonio Pedro Zago, professor de Matemática; José Ângelo Pompeo, professor de Práticas Comerciais; Renata Pantana Rosa Rangel, aluna; Cecília de Lacerda Vasconcellos Guaraná, diretora do Vocacional de Batatais e Americana; e Lygia Tibiriçá Hülle, orientadora educacional. As conversas permitiram não apenas registrar vivências: possibilitaram gerar narrativas de atores do Vocacional que presenciaram, sentiram, viveram, estudaram ou analisaram esta experiência.

As entrevistas foram encontros únicos, singulares, e nos propiciaram criar narrativas a partir dos relatos das experiências que os depoentes decidiram compartilhar e produzir conosco. Elas nos permitiram criar nossas próprias histórias, inventadas a partir daqueles depoimentos e de outras tantas fontes. Mediamos temporalidades tentando perceber naquele que narra suas interrogações sobre um passado que é parte inalienável do presente de cada um dos depoentes. Construimos histórias.

A entrevista e sua posterior transcrição e textualização constroem uma história, não a resgatam, não a retratam. Não intencionamos trazer de volta um passado, mas reencená-lo a partir de outra ou nova interpretação, outra ou nova leitura dos dados a que tivemos acesso.

O entrevistado, seu modo de narrar e suas experiências interferem diretamente na entrevista proposta pelo entrevistador. Apesar das temáticas e questões de interesse terem sido discutidas, apresentadas e disponibilizadas a todos os depoentes, o eixo condutor é determinado por aquele que narra. Percebemos nesta pesquisa algumas formas distintas de abordar e de levar em conta, os temas propostos. Os diversos modos de tratamento de determinado assunto, dando a ele maior ou menor tempo e atenção, ou simplesmente ignorando-o, puderam nos mostrar a preponderância do depoente sobre o que ele julga que há para ser dito.

Mesmo que tenhamos inserido perguntas diretas, que tenhamos reestruturado temas quando elaboramos as textualizações, o tom vital de cada narrador manteve-se, ainda que esta pesquisa possua um viés mais temático, voltado para um momento específico da vida dos depoentes: suas experiências em relação aos Ginásios Vocacionais, e as histórias de vida dos colaboradores entrelaçaram-se.

O roteiro, disponibilizado com antecedência, foi acessado durante a entrevista sempre que julgamos necessário. As respostas, comentários ou temas não estiveram presos à sequência de questões descritas neste roteiro. Consultas feitas em tempo real foram relevantes por nos permitir rever e eleger temas que pudessem ser esquecidos ou passar despercebidos naquele momento dinâmico, fluido e único. Apesar da busca por contemplar todo o nosso plano, reiteramos que o entrevistado decide sobre o que e como falar. O narrador conduz, define o teor da conversa ao, invariavelmente, eleger determinados eixos que se atrelam aos seus modos típicos e particulares de ser e de narrar sua história.

Ao transcrever uma entrevista pode-se ter a ilusão de que transportaremos aqueles instantes, aqueles momentos vividos, tal qual como aconteceram. Os sons, a voz, os timbres, a gravidade, os agudos e graves, os silêncios, respiros... ficaram registrados no áudio, mas se perdem na transcrição. Seria, quiçá, interessante apreendê-los. Há ruídos de segundo plano: o sobrevôo de um avião, um telefone que toca, uma pessoa que passa. Reconhecemos que outros potenciais elementos ficam no ato da entrevista e só são possíveis de observar, detectar e apreender, ainda que parcialmente na memória do pesquisador: sorrisos, silêncios múltiplos, olhares, expressões, lágrimas... lances que o gravador e os esforços do pesquisador não abarcam.

Assim, ao transformarmos a linguagem falada em escrita, a transcrição já será, assumidamente, um vestígio daquele momento evanescente e único. Conscientes desses aspectos inerentes a estes processos, criamos um outro registro, um outro vestígio junto a marcas possíveis de serem conservadas e descritas. A transcrição diz da experiência, transformando-a. Esta descrição nos coloca atentos ao processo e aos mecanismos com os quais lida a História Oral. Os textos transcritos nos forneceram elementos essenciais para a interpretação e análises num processo de compreensão e interpretação pelo qual o pesquisador se responsabiliza do início ao fim. O entrevistador vivencia e experiência o momento vivido, e deve ter a disposição de, sempre, “ouvir” o depoente.

A narrativa particular de cada entrevistado, neste processo, foi registrada. Estas narrativas foram enviadas para cada um dos colaboradores que a leram, sugeriram e/ou efetuaram toda e qualquer alteração que julgaram necessárias. Como afirma Borges (2001, p. 141), quem constitui as histórias são pessoas, e a peça encenada se dá nas relações entre um conjunto de atores com seus papéis secundários ou principais na trama. Centenas de atores colaboram com o protagonista; o papel de alguns é complexo; o de outros, momentâneo. E é esse fluxo e por esse fluxo – afirmamos – que nos foi possível criar a narrativa sobre os Vocacionais.

Fontes de naturezas distintas

A produção dessa pesquisa baseia-se principalmente nas entrevistas, mas não se basta a elas: também nos valem fortemente de documentos de outras naturezas por entendermos que “nenhuma operação historiográfica, como a que aqui propusemos realizar, pode negligenciar fontes disponíveis, ainda que seja possível tomar algumas fontes como prioritárias (pela natureza das informações que elas nos trazem) e secundarizar – mas nunca desprezar – outras.” (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 51).

Toda fonte guarda em si características da subjetividade de quem a constituiu, mas a constituição das fontes pelos parâmetros da História Oral permite que o pesquisador participe de modo vital desse registro da subjetividade, que compartilhe com os interlocutores as condições da produção dos registros e que por isso possa explicitar, a seus possíveis leitores, as negociações, idas e vindas, circunstâncias, familiaridades e afastamentos desse momento de captar e prender, pela escrita, aspectos de sua subjetividade que o narrador julgou adequado compartilhar. (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 61)

Entendemos que fontes de naturezas distintas podem tanto se complementar quanto fazer surgir divergências e versões outras que, em seu conjunto, operam para que a experiência do Vocacional possa ser, por isso, inventada plausivelmente no presente.

Assim, tivemos, num primeiro plano, as fontes orais, registros de entrevistas, mas também as fontes escritas, documentos do Cedec⁵, documentos pessoais, fotos, desenhos, papéis, documentos do acervo da GVive. Procuramos resíduos em arquivos e documentos que, ao longo

⁵ Cedec - Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” - PUC-SP.

do tempo, foram transportados, dispersados, aglutinados, transformados, produzidos⁶. “Mais do que testemunhos de uma vida, estes documentos são testemunhos de uma morte, de um esmagamento pelo poder.” (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 146).

Num segundo – mas não menos importante – plano, houve fontes que não foram reproduzidas no trabalho final. São elas fontes iconográficas, mapas, fotos, plantas de arquitetura, etc que nos levaram a reconstituir um cenário, com os trajes, veículos, uniformes, posturas de um local e uma época que nos diziam dos modos de ser dos atores desse contexto e do próprio contexto. Desse modo, fontes orais, escritas, iconográficas complementaram-se e tiveram a função de tornar o objeto de estudo mais acessível ao consideramos todas as fontes legítimas, sem hierarquização entre as legitimidades.

No movimento de pesquisa qualitativa assumimos que o pesquisador não é imparcial ao criar fontes e histórias, mas buscamos, mesmo cientes de no limite estarmos fadados ao fracasso, nos situar além das nossas paixões, conceitos e pré-conceitos. As investidas nos documentos corroboraram não para dar mais veracidade à história ou aos “fatos”, mas para estabelecer conexões entre elementos que nos permitiram afrontar discursos naturalizados. Os documentos reafirmaram, destoaram, afrontaram ou corroboraram os relatos registrados nas entrevistas. A relação entre documentos e depoimentos é como aquela entre peças flexíveis que se moldam, transformando-se em outras formas que, muitas vezes, suscitam novas perguntas. Mais interessantes do que as possíveis respostas assertivas, nos eram caras as perguntas – as nossas e as que víamos aflorar, explicitamente ou não, no discurso dos próprios depoentes.

Ao estabelecer relações entre fontes, agimos como um detetive à procura de pistas. Buscamos olhar para além das evidências que se mostraram num primeiro contato: vasculhamos as entrelinhas dos ditos pelos personagens, seus modos particulares de contar suas histórias, dos ditos e não ditos pelos documentos, elaborados que foram num tempo e lugar. Sempre nos perguntávamos sobre sua durabilidade e estabilidade, o que os fizeram e o que os permitiu se manter, resistir e, ainda, o que os fez surgir.

⁶ Na primeira visita ao Cedec fomos alertados para os processos que sofreram os documentos ali armazenados. Eles passaram por várias mãos e serviram a diferentes propósitos, como quando, por exemplo, estiveram disponíveis no escritório da Profa. Maria Nilde Mascellani, uma das idealizadoras do projeto dos Ginásios Vocacionais.

Olhar para as textualizações em conjunto e individualmente, ao mesmo e em diferentes tempos, produzi-las em parceria com diferentes pessoas, de diferentes lugares, com diferentes histórias foi um processo longo, tortuoso, atento, artesanal (GARNICA, 2014, p. 39).

Das análises e das narrativas produzidas

Os textos foram analisados e interpretados nas relações e convergências que o pesquisador detectava entre eles; nas possíveis brechas e fissuras, por entre os resíduos das falas, que ao serem interpretadas, ganhavam novos significados, atribuídos pelo pesquisador, que provocavam a abertura de novos pensares e, então, nos possibilitaram elaborar um conjunto de textos, interrelacionados, que, conectados a esta trama, culminaram nas narrativas propostas na pesquisa. “Esses conjuntos de relações, contudo, não são imanentes aos próprios eventos, existem apenas na mente do historiador que reflete sobre eles” (WHITE, 2001, p. 111). Existindo na mente do pesquisador, que atribui sentidos a partir de leituras, de vivências e reflexões, um conjunto de relações é, então, criado e inventado intencionando pensar, de novas formas, problemas antigos.

Almejavamos uma ação criadora, um reaprender a ver o mundo, ressignificá-lo, reinventá-lo, pois entendemos o mundo como “eterna criação e eterna mutação” (GARNICA, 2014, p. 44).

Defendemos que as narrativas, sejam ou não escritas, espalham histórias nem sempre inocentes e são capazes de carregar mensagens implícitas, camufladas, que podem incitar a possibilidade de se criarem novos mundos, outras realidades. As histórias compartilhadas criam ramificações, adentram no imaginário, no pensamento, instituem e inauguram realidades num movimento rizomático – parafraseando um conceito deleuziano – como novas moléculas de um perfume que se interligam a outras que já existiam e promovem outras possibilidades de odores, de sensações, de expectativas e reações.

Questionamos uma realidade e mundo já dados. Os conceitos e o mundo não são algo pronto, não preexistem, eles precisam ser e estão constantemente sendo criados. As narrativas se relacionam às circunstâncias. “Disso não decorre que as coisas inexistem, mas que as coisas só têm sentido quando costuradas por uma narrativa. Assim, a narrativa é um discurso constituinte e não mera forma de comunicação de realidades preexistentes” (GARNICA, 2015, p. 182).

Metaforicamente, tratava-se de elaborar uma colcha de retalhos que, quando vista, é aparentemente completa e estática, mas cujos componentes, se detidamente observados, têm no caótico sua beleza, têm no movimento sua contribuição para aquele conjunto (aparentemente) tão uniforme. Tínhamos isto em mente, faltava-nos expor e materializar essa produção, certos de que nos iriam escapar muitos elementos, certos de que uma experiência só pode ser comunicada em fragmentos. Precisávamos arquitetar um fluxo, uma coesão ao texto. Tínhamos a tarefa de criar um todo que na mente do pesquisador já existia como ideia idealizada, mas que ainda seria necessário tomar consistência física, exposto em documento, marcado pelas palavras, timbrado em papel.

Este movimento, não destoa de outros processos de construção, de maturação do conhecimento, fazem parte da ação pesquisadora, mas, em geral, não são explicitados.

Enfim...

As análises foram realizadas num processo entre convergências e singularidades. Buscamos agrupar temas que consideramos comuns⁷ (ou não) nas entrevistas apostando que, de alguma forma, estes grupos, funcionando como disparadores poderiam nos levar a compreensões. Essa organização, segundo entendemos, permitiu a exposição/criação de um Vocacional a partir de um jogo pautado na busca pela correlação entre pontos, linhas e regiões de conexões entre, por e nas narrativas, segundo um olhar que transmuta, carregado de teorias, de experiências e vozes que autorizam o pesquisador a dizer desse jeito, nesse momento, o que julga plausível e pertinente dizer.

Há, nos textos analíticos produzidos, uma tentativa de compreensão e apreensão de indícios e rastros deixados para a constituição desta trama e suas ramificações. Criamos uma narrativa que não deve ser vista como apartada dos modos como pensamos pesquisa, ainda que possam estar contaminados com preconceitos insistentes dos quais tentamos incessantemente nos desvencilhar: tentamos deixar os “quês” e “porquês” imbricados aos “como”. Nessa busca por

⁷ Vale salientar que estes elementos não são necessariamente comuns a todos os depoimentos, mas se revelam como temas insistentes num grupo de narrativas, que o pesquisador julgou significativo explorar.

constituir textos sobre elementos que nos pareceram importantes para entender os Vocacionais, também ficaram fortalecidos os procedimentos metodológicos de análise que decidimos enfrentar, ainda que eles sempre solicitassem revisões ou complementações.

Nos registros das análises optamos por uma estrutura que percorresse [como que] uma linha do tempo cronológica, desde a idealização, implantação, existência e extinção dos Ginásios Vocacionais, cientes e cuidadosos de que esta seria, se seguida à risca, uma empreitada reducionista, justamente por estarmos, em muitos momentos, num terreno subjetivo, o da memória, dos relatos das experiências vividas por pessoas ao longo do tempo.

Das análises dos eventos narrados nos encontros entre pesquisador e depoentes, aliados aos documentos, criamos uma narrativa subdividida em três eixos temáticos: (a) uma história dos Ginásios Vocacionais; (b) indícios de como se dava o ensino e aprendizagem da Matemática nesses espaços, finalizando com (c) uma discussão sobre a ditadura militar, de forma a entender a extinção do Sistema Vocacional que marcadamente parece ter sido afetada por esse momento político. No último eixo buscamos, também, olhar para aspectos singulares das histórias de vida expostos nas narrativas, ressaltando singularidades de cada depoente. Procedimentos distintos, mas complementares, que ancoraram a criação de um estudo narrativo sobre os Ginásios Vocacionais: uma proposta educacional pública paulista dos anos 1960.

Desse modo, procuramos entender o Vocacional não como uma mera iniciativa educacional diferenciada, criada num determinado tempo e cenário, mas como uma trama de eventos e elementos que a tornou possível. Não entendemos esta experiência desvinculada de seu tempo, seu lugar, suas práticas e seu destino. Por isso não se teve a pretensão de reconstituir a “experiência dos Vocacionais”, de abarcar a realidade em sua totalidade, já que tentativas nesse sentido sempre resultarão em reducionismos e determinismos. Sempre haverá pontos de vista a se contemplar, outras convergências e/ou singularidades, outros temas, novos ângulos a se considerar e problematizar. Sempre será possível produzir novas escutas, outras leituras, outras histórias, enfim ...outros Ginásios Vocacionais.

Referências

ALBUQUERQUE Jr. D. M. de. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru: Edusc, 2007.

BORGES, J. L. **Ficções**. Tradução Carlos Nejar. 3 .ed. São Paulo: Globo, 2001.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura e vida.** Tradução Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CHIOZZINI, D. F. **História e Memória da Inovação Educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961-70).** Curitiba: Appris, 2014.

GARNICA, A.V.M. *Ceci n'est pas un article*1: impressões fragmentadas sobre Arte e Educação Matemática. **Zetetiké**, Revista de Educação Matemática, Campinas-SP, FE-UNICAMP; FEUFF. v. 23, n. 43, p. 11-32, jan/jun. 2015.

GARNICA, A.V.M. O pulo do sapo: narrativas, história oral, insubordinação e Educação Matemática. In: D'AMBRÓSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasadin (Orgs.). **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática.** Campinas, SP: Mercado da Letras, 2015. p. 181-206.

GARNICA, A. V. M. (Org). **Cartografias Contemporâneas: mapeando a formação de professores no Brasil.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, Rio Claro-SP, v. 25, n. 41, p. 213-250, dez. 2011.

GARNICA, A. V. M. Um ensaio sobre História oral: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em Educação Matemática. **Quadrante**, Lisboa, v. XVI, n.2, p. 27-49, 2010.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960.** 2012. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

NAKAMURA, M. E. F. P. Os Ginásios Vocacionais Estaduais: algumas considerações iniciais acerca desta proposta educacional da década de 1960. In: Encontro Nacional de História Oral, XIII, 2016, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461869870_ARQUIVO_TRABALHOSUBMETIDO_XIIIENCONTRONACIONALDEHISTORIAORAL_2016.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.

NAKAMURA, M. E. F. P. **Ginásios Vocacionais: estudo narrativo sobre uma proposta educacional da década de 1960.** 2017. 627 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

NAKAMURA, M. E. F. P. A História Oral e alguns percursos metodológicos para compreender aspectos de uma experiência educacional paulista: Os Vocacionais. In: Encontro Nacional de

História Oral, XIV, 2018, Campinas. **Anais ...** Disponível em: <[http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198_ARQUIVO_Texto_Completo_XIVENHO_NAKAMURA;GARNICA\(2018\).pdf](http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198_ARQUIVO_Texto_Completo_XIVENHO_NAKAMURA;GARNICA(2018).pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2019.

NUNES, C. **Escola e dependência**: o ensino secundário e a manutenção da ordem Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

ROVAI, Esméria (Org). **Ensino Vocacional**: uma pedagogia atual. São Paulo: Cortez, 2005.

TAMBERLINI, Ângela. R. M. de B. Os Ginásios Vocacionais, a história e a possibilidade de futuro. In: ROVAI, Esméria (Org.). **Ensino Vocacional**: uma pedagogia atual. São Paulo: Cortez, 2005.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. 2.ed. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 2001. (Ensaio de Cultura, 6)

Submetido em Junho de 2019

Aprovado em Setembro de 2019

